



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8145 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

BNCC A QUEM INTERESSA? EM DEFESA DAS PRÁTICAS COTIDIANAS INVISIBILIZADAS

Tamiris Siqueira Marinho - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

BNCC A QUEM INTERESSA? EM DEFESA DAS PRÁTICAS COTIDIANAS INVISIBILIZADAS

Este artigo tem por propósito promover reflexões iniciais a respeito da pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado, onde procuro investigar e discutir as atuais políticas curriculares a partir de um diálogo com as práticas cotidianas. Tendo por objetivo pensar os currículos produzidos nas escolas, procuro problematizar o sentido e a existência de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como política curricular de estado, ao mesmo tempo que procuro visibilizar o potencial emancipatório das produções cotidianas.

Questiono o pressuposto defendido por organismos internacionais e pelo próprio MEC de que a BNCC busca ser balizadora da qualidade da educação no país ao estabelecer patamares de aprendizagem e desenvolvimento ao longo das etapas e modalidades da educação básica. Assim, considero ser necessário discutir as políticas curriculares e os discursos que as promovem, já que estão atreladas a uma determinada concepção de educação, sujeito e sociedade.

Como metodologia, proponho analisar a BNCC para pensar as relações de poder que a atravessam e problematizar a visão a hegemônica de currículo e conhecimento. E por meio de narrativas e experiências, de uma escola pública de um município da região Metropolitana no Estado do Rio de Janeiro, procuro desvisibilizar outros saberes e práticas possíveis tecidos pelos praticantes pensantes (OLIVEIRA, 2012) no contraponto daquilo que é instituído.

Como escolha político-epistemológica o presente artigo se aproxima das pesquisas nos/dos/com os cotidianos (OLIVEIRA e ALVES, 2008), procurando pensar os currículos como espaçotempos (ALVES, 2001) de produção e formação e não apenas lugar de reprodução e consumo. Sobre as palavras escritas juntas, é um recurso do campo dos cotidianos com propósito de produzir outro-novo sentido ao deslocar o sentido original de cada palavra.

Como fundamentação teórico-metodológica, dialogo com Oliveira (2008), Alves (2008) e Garcia (2015), de modo a pensar o currículo como campo de disputa e de produções permanentemente inacabadas, podendo ser tecidas por diferentes sujeitos e formas. Trago as ideias de Certeau (1994) quanto as “artes de fazer”, em relação ao que é produzido pelos

professores a partir do que lhe é imposto, e a compreensão de Santos (2002) sobre a sociologia das ausências, para problematizar a produção do conhecimento.

Considerando as reflexões do campo, Alves (2008) contribui com a pesquisa ao sinalizar com Santos (2002) as limitações do pensamento moderno, exigindo de nós um deslocamento e um desprendimento das lentes como que nos acostumamos a ver e interpretar o mundo.

“Aprendemos com todos os setores dominantes, durante os últimos quatro séculos, que os modos como se cria conhecimentos nos cotidianos não têm importância ou estão errados e, por isso mesmo, precisam ser superados.[...] Além disso, esses conhecimentos são criados por nós mesmos em nossas ações cotidianas o que dificulta uma compreensão de seus processos, pois aprendemos, com a ciência moderna que é preciso separar, para estudo, o sujeito do objeto. Esses conhecimentos e as formas como são tecidos exigem que admitamos ser preciso mergulhar inteiramente em outras lógicas para apreendê-los e compreendê-los.” (Alves, 2008, p.16)

Seguindo esse caminho de deslocamentos, Garcia (2015) corrobora com a investigação que faço quando nos convoca a pensar sobre a naturalização do sentido de currículo. A autora ressalta que o sentido imposto pelas atuais políticas educacionais impede de enxergarmos os currículos como campo complexo, produzido nas relações de saberes e fazeres docentes.

“trata-se de uma luta travada com o campo semântico e político das expressões, sentidos e representações que buscam imprimir outros possíveis usos e sentidos culturais capazes de esquivar-se ou enfrentar o poder, o controle e os mecanismos de subjetivação que atuam nas práticas impressões de universalidade e fixidez.” (Garcia, 2015 p.290)

Compreendendo a complexibilidade do campo curricular, para além do seu sentido hegemônico, procuro questionar a ideia de igualdade, universalização e padronização expressos na BNCC. Que por meio de mecanismos sutis, inverte a relação de saber em relação de poder. Por isso penso, “ser necessário um deslocamento e estranhamento das lógicas e sentidos que se tornam hegemônicos e de compreensão do currículo por elas implicadas.” (Garcia, 2015, p.295)

Diante das políticas de currículo presente no cenário brasileiro e a concepção de currículo vigente pelos modos hegemônicos, baseados em uma única forma de saber, os cotidianos ficam invisibilizados pois não seguem essa lógica. Nesse sentido a sociologia das ausências (Santos, 2002), me ajuda a compreender a hierarquização dos conteúdos escolares e as monoculturas (Santos, 2002) que estão presentes no modelo que temos de escola. Nos fazendo pensar que modos outros de produção de conhecimentos podemos ter.

Na perspectiva das pesquisas dos cotidianos, o currículo é entendido como algo em constante movimento, de construções e reconstruções. Como um campo de disputa de lógicas e saberes, permeado pela complexibilidade dos cotidianos e dos sujeitos que o compõe e dão vida as propostas curriculares. Por isso, “se torna incoerente pensá-los em instâncias estanques de produção e implementação” (GARCIA, 2015, p.295)

Ao percebermos os limites dessas políticas curriculares, podemos pensar em outros currículos possíveis e perceber nas práticas cotidianas as ações de resistência as imposições e regras que nos amarram. Tal percepção me levou a pensar nas “táticas e usos que os professores desenvolvem no seu fazer pedagógico, penetrando astuciosamente e de modo peculiar a cada momento, no espaço do poder.” (OLIVEIRA, 2008, p.59)

“Para além do consumo puro e simples, os praticantes desenvolvem ações, fabricam formas alternativas de uso, tornando-se produtores/ autores, disseminando alternativas, manipulando, ao seu modo, os produtos e as regras, mesmo que de modo invisível e

marginal.” (OLIVEIRA, 2008, p.56)

Tecendo algumas considerações, penso que ao problematizar a BNCC e a inviabilidade de um currículo centralizador, podemos pensar os currículos como produção cotidiana permanentemente inacabadas e não apenas espaço de reprodução e consumo. Mas para isso precisamos deixar de olhar apenas para os currículos, e perceber os sujeitos que os produz. E assim, visibilizar o potencial emancipatório nas práticas e produções cotidianas, onde os currículos são tecidos por diferentes sujeitos e modos.

Palavras-chaves: Currículos. Cotidianos. Políticas curriculares.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho - os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Orgs.) **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP e Alii, 2008.

FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos. In: FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. ISBN 978-85-7511-517-6. <https://doi.org/10.7476/9788575115176>

GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, C.E.; RANGEL, I.; CARVALHO, J.M.; NUNES, K.R. **Diferentes Perspectivas de Currículo na Atualidade**. 1, ed. Petrópolis, De Petrus: NUPEC/UFES, 2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.) **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP e Alii, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. Estudos do cotidiano, educação e emancipação social. In: OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. **Estudos do cotidiano & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.